

Cartilha para uma História Universal:

reflexões poéticas entre história e memória por meio da escrita

Fabiola Notari

É pesquisadora e artista. Mestre em Poéticas Visuais pela Faculdade Santa Marcelina e graduada pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Faz parte do Estúdio Valongo (Santos) e integrante do Grupo de Pesquisa Eisenstein no século XXI, com coordenação da Profa. Dra. Neide Jallageas. É professora de História da Fotografia e Fotomontagem no Curso Superior Tecnológico em Fotografia no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Resumo. Neste texto, analiso a escrita como elemento atravessador do tempo a partir dos meus trabalhos gráficos mais recentes – *História Universal* (2011) e *Cartilha para uma História Universal* (2011). É na ausência desse elemento gráfico-semântico que construo relações com a memória e a história. Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin e Vilém Flusser oferecem aporte teórico a esta discussão.

Palavras-chave. escrita, memória, história, apagamento, repetição.

Booklet for a Universal History: Poetic reflections between history and memory through writing

Abstract. In this paper, I analyze writing as an element that cross the time, taking into consideration my latest graphic works – *Universal History* (2011) and *Booklet for a Universal History* (2011). In the absence of such graphic-semantic element I build relationships with memory and history. Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin and Vilém Flusser provide theoretical support to this discussion.

Keywords. writing, memory, history, deleting, repetition.



Trago como proposta discutir e problematizar a escrita como elemento atravessador do tempo, sendo tanto representante de uma história quanto registro de uma memória. Essa discussão parte da análise dos meus trabalhos gráficos mais recentes – *História Universal* (2011) e *Cartilha para uma História Universal* (2011). Para tanto, retomo a provocação a que eu mesma me lancei, da citação de Vilém Flusser:

Hoje em dia, há códigos que transmitem melhor a informação do que o dos sinais gráficos. [...] É como se os códigos escritos estivessem se perdendo, de maneira semelhante ao que aconteceu aos hieróglifos egípcios e aos nós indígenas. No futuro, apenas os historiadores e outros especialistas terão de aprender a ler e a escrever. (FLUSSER, 2010, p. 17).

O que a escrita tem para comunicar? Como ela se configura? Quem é seu receptor? Estas perguntas estruturam o eixo central deste texto que possui dois conceitos a serem analisados: repetição e apagamento.

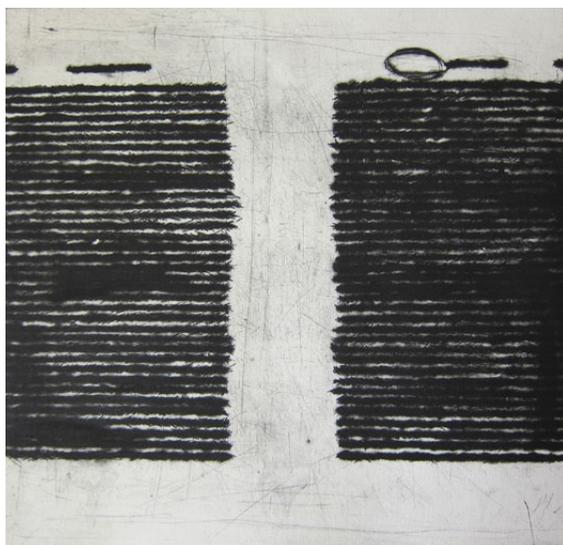


Fig. 1 - Fabiola Notari: *História Universal*, 2011, 27,0 x 25,5 cm.

O trabalho *História Universal* é a estampa impressa de uma matriz de acetato gravada diretamente com ponta seca. A criação dessa matriz partiu da estrutura, em folha dupla, de uma página de um livro de história geral. Sobre as frases sobrepôs as tarjas negras, constituídas de linhas finas que, cruzadas, formam uma massa aveludada, correndo linearmente pela folha, equilibrando-se



entre dois blocos escuros nas laterais e uma elipse no canto direito superior. Sua montagem pode ser realizada de duas maneiras: a primeira delas, com apenas uma estampa, e a segunda, com mais estampas, que, justapostas, formam um grande painel. Repetindo-se, expandindo-se e anulando-se.

É possível observar que não utilizo diretamente a escrita, mas o que sobra dela quando apagada. Esse vestígio induz o observador atento a relacionar essa estrutura à das pautas de um livro, por conta de cultura gráfica, introduzida por Gutenberg e sua tipografia no ocidente.

Em paralelo, desenvolvi o trabalho *Cartilha para uma História Universal*, que parte do mesmo princípio que o trabalho anterior, porém, o apagamento acontece a partir da retirada dos elementos gráficos do texto – as palavras. No lugar, é colocado um retângulo branco, sobrando apenas as palavras do título do livro – história universal – que dão uma pista sobre o conteúdo do texto apagado. É com essa provocação que busco questionar e refletir os limites da história escrita e como ela perpassa o tempo por meio da memória.

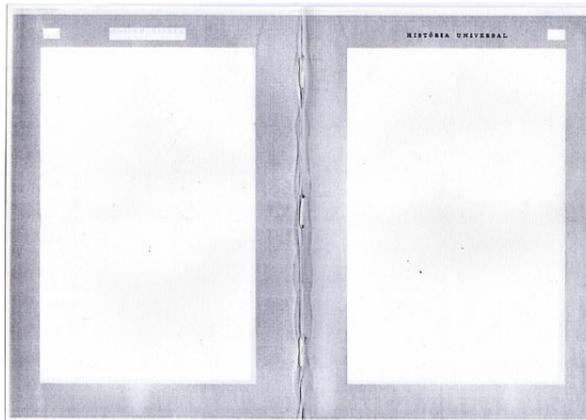


Fig. 2 - Fabiola Notari: *Cartilha para uma História Universal*, 2011, 30,0 x 21,3 cm (aberto).

Nas teses *Sobre o conceito de história* (1940), Walter Benjamin anuncia as consequências que viriam da manipulação da história e sua unilateralidade ao partir do ponto de vista do vencedor. Ao final da *Tese VII*, Benjamin dá a dica de como devemos nos posicionar frente à história dita *universal*. “Por isso, o materialismo histórico, na medida do possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo”. (LÖWY, 2007, p. 70).



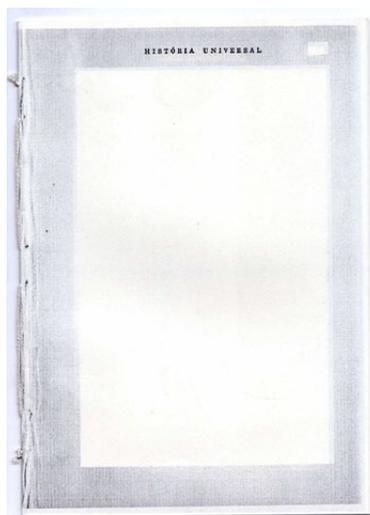


Fig. 3 - Fabiola Notari: *Cartilha para uma História Universal*, 2011, 21,3 x 15,0 cm (fechado).

Michel Löwy comenta:

Escrever a história no “sentido contrário” – expressão de Benjamin em sua própria tradução – é recusar qualquer “identificação afetiva” com os heróis oficiais do V centenário, os colonizadores ibéricos, os poderosos europeus que levaram a religião, a cultura e a civilização para os índios “selvagens”. Isso significa considerar cada monumento da cultura colonial – as catedrais do México ou de Lima, o palácio de Cortés em Cuernavaca – como também um produto da guerra, da exterminação, de uma opressão impiedosa. (Löwy, 2007, p. 80).

Com mesma intensidade, percebo que não são apenas as construções arquitetônicas que podem ser consideradas monumentos à exaltação dessa manipulação. O livro, em sua função social de comunicar uma cultura, torna-se um monumento, tanto arquitetônico com sua tridimensionalidade e posicionamento em bibliotecas, quanto histórico, pois as palavras impressas tornam-se a síntese da verdade, irrevogável e inalterável.

Estabilidade e constância sempre foram as qualidades que o homem desejou ao criar a escrita, pois dessa forma supriria-se a necessidade de armazenar informação para comunicar a si mesmo ou a outros, distantes no tempo e no espaço, tornando-se suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural (literatura), meio de expressão (imprensa) e uma forma de arte (caligrafia), entre outras. Assim, tornou-se o melhor código para apreender os



fatos, tornando-se testemunha. Em seu livro *Lembrar escrever esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin cita Aleida Assman.

Tal confiança na escrita como rastro duradouro e fiel começa a ser abalada, diz Aleida Assmann, no século XVIII. Já no século XIX, com o historiador Thomas Carlyle, por exemplo, as fontes escritas não são mais consideradas documentos integrais e confiáveis, mas sim documentos aleatórios, fragmentos de um passado desconhecido, farrapos de um tecido que se rasgou. (GAGNEBIN, 2009, p. 112).

Ao mesmo tempo em que a escrita já não é mais considerada a melhor prova ou comprovação de um fato histórico, torna-se testemunha nos rastros deixados por aqueles que não pertencem a essa história, pelos sobreviventes que encontraram nesse gesto uma maneira de manifestar-se, de mostrarem o outro lado dessa história. É o caso do bilhete encontrado dentro de uma garrafa, escrito por prisioneiros dos nazistas há quase 67 anos. Foi achado há poucos anos por operários que trabalhavam perto do local onde funcionava um campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. A garrafa estava escondida numa parede de concreto no porão de uma escola abandonada, que foi usada como armazém pelos militares nazistas. Acredita-se que os militares obrigaram os prisioneiros a reforçar as paredes por conta de eventuais ataques aéreos, e entre um turno e outro, jovens prisioneiros, num ato desesperado, deixaram registrada a sua existência anotando seus nomes, cidades natais e seus números de identificação – são seis poloneses e um francês que no dia 09 de setembro de 1944 eternizaram sua existência.

Mas, quem lia este bilhete escondido? Quem conseguiria, depois de tanto tempo, alcançar a mensagem lá deixada em tão poucas palavras?

É contraditório, pois a escrita torna-se o elemento de intersecção em verdade e mentira, entre parte e todo. Nela é possível encontrar os gritos do vencedor junto com os gemidos dos esquecidos; então, neste caso, o que irá diferenciá-la é o posicionamento de seu leitor, que fará as escolhas, decifrá-la e trará para perto o outro lá representado.

Este movimento não é passivo e nem tranquilo, pois exige dele uma escolha, que novamente fará com que partes sejam esquecidas e outras tantas sejam resgatadas.

“Textos são produtos semiacabados. Suas linhas não só se apressam em direção a um ponto final, como também ultrapassam-no ao encontro do leitor, de quem se espera que o complete.” (FLUSSER, 2009, p. 53).



Vilém Flusser, nessa citação, consegue expor a tarefa-renúncia daquele que escreve, pois este sabe que por mais completo que seu texto esteja, nunca conseguirá transmitir ao outro uma mensagem com a precisão desejada; assim, vê o receptor como sendo o *salvador* do seu texto, quando este o absorve de alguma maneira ou como *assassino*, quando rompe com essa continuidade. O destino do texto está nas mãos desse outro.

Ao contrário do que um escritor faz, criei imagens do vestígio dessa escrita, simulando situações onde ela deveria estar, mas que não está. No trabalho *História Universal*, as linhas negras ocupam o espaço das palavras, deixam seu observador-leitor numa situação limite de distanciamento entre os significados que se encontram nas palavras e sua configuração numa superfície.

Pela inacessibilidade da comunicação verbal, liberto o observador para ler este trabalho pela imagem que se apresenta, ao mesmo tempo em que essas linhas ofensivas, negras e espessas bloqueiam a entrada do olhar, como se censurassem seu conteúdo, tornando oculta a fala do outro.

No segundo trabalho, mostro um outro tipo de apagamento; no entanto, o observador-leitor é praticamente empurrado para o quadro branco, atraído para a imensidão do vazio, como se lá fosse possível encontrar algo, uma possibilidade, um gemido, algum sussurro.

Retomando os conceitos centrais desse texto – *apagamento e repetição* –, procuro não me atentar somente ao processo de criação e sua composição, pois neles percebe-se que há essas duas palavras: repetição de linhas negras, de formas retangulares, brancos, pretos e cinzas, e apagamentos na anulação da escrita; entretanto, quero relacionar esses conceitos com a introdução que dei sobre história, memória e escrita.

O apagamento faz parte da história que é feita de escolhas, o que sempre dependerá dos dominantes. No entanto, rastros, ou melhor, textos esquecidos, trazem sobrevida ao passado que encontra no presente um diálogo, na verdade uma atualização, pois não é mais o mesmo ao encontrar um receptor. Aqui, a citação de Jeanne Marie vem ao encontro com esta lógica: “Como quem deixa rastros não o faz com intenção de transmissão ou significação, o decifrar dos rastros também é marcado por essa não intencionalidade” (GAGNEBIN, 2009, p. 113).

Essa afirmação surge num momento pós II Guerra Mundial, na qual grandes atrocidades foram feitas contra o homem, e de todas as maneiras tentou-



se apagar as memórias e a existência dos dominados como também os atos contra eles; porém, para sobrevivência e entendimento do que estava acontecendo, recorreram a um gesto simples, cuja complexidade só o tempo faria revelar: a escrita como último suspiro, refúgio para a não alienação, para ainda se lembrarem que são seres humanos. Esses escritos não tinham certeza do encontro com o outro, eles apenas existiam.

Primo Levi nos conta que, ao retornar da guerra, não encontrou ouvidos para seus relatos. Assim, percebeu a profundidade do plano diabólico dos nazistas em apagar esse fato histórico, pois aqueles que sobreviveram não conseguiam contar suas experiências e memórias, pois ninguém as queria ouvir – era o esquecimento e a anulação estando vivos. Assim, recorreu aos escritos, e só o tempo poderia preparar as pessoas para as verdades que viriam. Diferentemente do relato oral, a escrita perdura com menos alterações, pois por meio de códigos, que, decifrados, transmite uma mensagem e, por mais que seja imperfeita em sua incompletude, permite que o outro, ao acessá-la, atualize-a no presente da leitura.

A repetição vem para reforçar o aprendizado de algo, como é possível encontrar numa descrição no dicionário. Essa afirmação é certa em parte, pois ao mesmo tempo em que a repetição traz domínio sobre certo aspecto, traz também alienação com relação aos outros, pois não permite que se tenha uma visão mais ampla, pois o foco está naquilo que se repete. Neste sentido, a repetição leva à anulação e ao apagamento, pois a automação não permite a reflexão.

A escrita, quando aprendida, parte da repetição de gestos, da memorização de cada significado e de cada código. Leva ao limite essa automação. Porém, consegue se libertar por necessitar do outro para ser completa, pois quando se escreve, o fazemos para alguém. Dessa forma, o limite é tênue, entre permanecer esquecido e ser lembrado.

No livro *Fedro*, de Platão (2011), há um diálogo entre Sócrates e Fedro acerca da escrita e seu mito de criação. Segundo Sócrates, na região de Náucratis, no Egito, havia um deus, Thoth, inventor dos números e do cálculo, da geometria, da astronomia e dos caracteres gráficos – letras. Num certo dia, ele ofereceu ao rei Thamos, representante de Amon, a escritura como um excelente recurso contra a perda de memória, para evitar o esquecimento.

Thamos respondeu que esta descoberta tornaria os homens mais esquecidos, pois, sabendo escrever, deixariam de exercitar a memória, confiando



apenas nas escrituras e lembrando de um assunto por motivos exteriores, por sinais, e não dos assuntos em si mesmos; sendo assim, este remédio não é para a memória, mas para a rememoração.

Jacques Derrida (2005), em seu livro *A farmácia de Platão*, destrincha e discute sobre este mito e outros relacionados à palavra tanto escrita quanto falada, e lá apresenta que na própria origem e significado da palavra remédio, *pharmakon*, que tanto pode ser remédio quanto veneno, coloca a codificação gráfica como causa e consequência desse mito; assim, a palavra intermedeia as coisas, sendo cópia, tradução de um original.

Ao mesmo tempo em que a escrita afasta o que é *verdadeiro*, alcançado com a oralidade – pensamento defendido por Platão e Lacan –, ela aproxima, pois, na sua incompletude, possibilita infinitas outras leituras e interpretações sobre o que é apresentado.

É neste movimento entre clareza e apagamento, neste limite tênue entre entendimento total e nenhum, que a escrita permitiu que o homem pudesse esquecer, pois ela, de alguma maneira, daria conta da preservação daquela memória, mesmo que insuficientemente. Mas, mesmo assim, a escrita existe até os dias de hoje, coexistindo entre outros códigos que melhor podem transmitir a informação.

Há algo de mágico e intrigante na escrita. Vilém Flusser (2010) conta que escrever é um gesto que orienta o pensamento, pois, como devem ser alinhados, não ficam abandonados e movem-se em círculos; complementa dizendo que nenhuma escrita foi criada para ser um gesto reflexivo voltado apenas para o interior de quem escreve, mas também um gesto expressivo que, voltado para o mundo, posiciona-se.

Estes dois trabalhos questionam a função da escrita de ser detentora de uma verdade imutável, pois a sua anulação ou ausência faz com que tenhamos dois posicionamentos, o de liberdade e o de censura. Sua *falha* fica evidente, pois em ambos os extremos a escrita é manipulada ao mesmo tempo em que é reveladora. No primeiro, com tamanha liberdade de criação – o retângulo branco nas páginas do trabalho *Cartilha para uma História Universal* – pois se perdem as referências, sendo tudo possível. Já no segundo – as tarjas negras que cobrem um texto inexistente no trabalho *História Universal* –, nos mostra o outro lado, aquele que foi escondido e até mesmo desconhecido, levando ao questionamento do que até então se tinha como verdade.



Em ambos a história é reescrita, permanecendo em estado de ebulição, pois a cada fragmento encontrado, um novo direcionamento. O que diferencia uma direção da outra é o posicionamento do outro frente ao desconhecido que se apresenta através da escrita.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1996.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FLUSSER, Vilém. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MEMORIAL and Museum Auschwitz-Birkenau. Disponível em <http://en.auschwitz.org/m/>. Acesso em 15/01/2012.

